

## OS IRMÃOS KARAMÁZOV: PARRICÍDIO E FRATERNIDADE

*Maria da Glória Bordini\**

O último romance de Fiodor Dostoiévski (1821-1881), **Os irmãos Karamázov**, apareceu em folhetins do **Russky Vistnik**, uma revista de Moscou, de 1879 a 1880. A obra foi escrita sob pressão e cada número foi um escândalo nacional, como havia sido, em 1866, **Crime e castigo**. Para Dostoiévski, essa obra era o retrato acabado da alma russa, exaltada, bondosa e combativa, características que se distribuem entre os três irmãos, Mítia, Alíóscha e Ivan, os quais, juntamente com o pai Fiodor e o meio-irmão Smerdiakóv, protagonizam a história, que gira em torno do tema do parricídio e daquilo que os gregos chamavam filia, o laço de sangue ou de honra que não deve ser quebrado.

Para alguns críticos, entre eles Lukács (1965:268 e segs.), essa obra de Dostoiévski traduz o conflito entre o pan-eslavismo e o ocidentalismo que a Rússia vivia ao fim da década de 70 do século XIX não só em termos culturais, mas também econômicos e políticos. Ao tempo em que **Os irmãos Karamázov** foi escrito, o reinado de Alexandre II chegava a seu termo, semeado das contradições que algumas reformas sociais, como a libertação dos servos, o aperfeiçoamento do sistema judiciário, os conselhos rurais de autogestão, a alfabetização e a escola pública, haviam gerado em contraste com o duro regime absolutista, a feroz censura ideológica e política. As poucas liberdades experimentadas chamavam outras e a miséria, produzida pelo aumento da população agrícola, a falta de industrialização, e reforma agrária, bem como o apego dos altos funcionários e nobres latifundiários a seus privilégios, instalavam a inquietação entre o povo humilde e entre os jovens estudantes que agora

---

Professora Doutora PUCRS

tinham acesso às universidades e às idéias liberais do Ocidente.

A maioria dos intelectuais seguia correntes socialistas, como a de Chernyshevsky, niilistas como a de Pisarev ou anarquistas como a de Bakunin. Com a insurreição polonesa em 1869, a Rússia viu ameaçada sua soberania, o que despertou entre certa parcela da intelectualidade fortes sentimentos nacionalistas. Demandava-se o fortalecimento do poder central para não perder terreno ante os avanços e insídias do Ocidente. O império devia zelar pela sua unidade, defendendo suas fronteiras e cumprindo sua missão histórica de expandir-se para a Ásia e os Bálcãs.

Dividido entre ocidentalistas e eslavistas, Alexandre II, com a guerra à Turquia e o conseqüente tratado de Berlim, desvantajoso, sentira o peso da mão de Bismarck e fizera concessões ao Ocidente, as quais desagradaram os eslavófilos. O empobrecimento determinado pela guerra revigorou os movimentos oposicionistas e acentuou a propaganda entre os camponeses. Foram perseguidos pela polícia, o que sensibilizou as massas e logo surgiram terroristas dispostos a pôr fim à vida do Czar. Como Alexandre tentasse ao mesmo tempo erradicar os que o ameaçavam e suas reformas educacionais fossem tímidas, em 1881, o movimento "A vontade do povo" matou-o num atentado, o que se tornou uma espécie de farol para as empresas revolucionárias que prosseguiram no reinado seguinte e desaguariam em 1917 na Revolução Comunista.

Dostoiévski a essa época, estava no fim da vida, sofrendo, desde moço, a opressão do regime czarista, combalido fisicamente e mais ou menos derrotado em termos de espírito de luta. Filho de um cirurgião do exército, seguiu a carreira militar, que depois da morte do pai abandonou em virtude de sua inclinação muito mais poderosa para a arte da palavra. Seus pais eram pessoas trabalhadoras e muito religiosas, que liam livros piedosos para os filhos à tarde, mas pobres a ponto de terem de morar com cinco filhos em duas peças. Essas dificuldades de infância se refletiriam na ternura com que sempre tratou as crianças em suas obras. Sua formação universitária - passara em terceiro lugar na Escola de Superior de Engenharia de São Petersburgo - o pusera em contato com os grupos de jovens idealistas, que nos anos 40, começavam a prenunciar a posterior movimentação ideológica da década de 80.

Quando deixou a carreira militar e passou a escrever, sua novela de estréia, **Pobre gente**, de 1846, obteve um sucesso imediato e seu autor

adquiriu fama da noite para o dia. Envolvendo-se com um pequeno grupo de intelectuais revolucionários, que liam Fourier e Proudhon, ao assistir uma das reuniões foi preso pela polícia do Czar Nicolau I e condenado à morte em 1849. Acusaram-no de "tomar parte em conversas contra a censura, de ler uma carta de Bielinski e Gogol, e de saber da intenção de montar uma gráfica". Minutos antes da execução, quando já estava amarrado à estaca para o fuzilamento, chega a notícia de que fora perdoado e seria banido para a Sibéria por quatro anos. **Recordações da casa dos mortos** foi escrito nessa época. Depois do exílio, teve de voltar a servir no exército por um período que deveria ir até o fim da vida. A ascensão de Alexandre II o liberou dessa pena e em 1859 ele pôde voltar a São Petersburgo como civil.

No período, portanto, em que o reinado de Alexandre II se abria ao Ocidente e em que o povo conquistava parcas liberdades, ele se dedicou de corpo e alma à literatura, produziu muito e tornou-se conhecido para além da Rússia mas não acumulou riquezas. Fundou dois jornais, **O tempo** e **A Época**, mas ambos foram fechados pela censura. Vivia carregado de dívidas, pois o controle estatal o fazia perder empregos e assumira a família do irmão que morrera, com todos os encargos. Via-se forçado a trabalhar num ritmo tão intenso que nem tinha tempo para corrigir seus originais. Perdeu a primeira mulher, por quem se apaixonara ainda na Sibéria, Maria Issaiev, em 1864 e sua epilepsia e os maus tratos sofridos na prisão alquebravam-lhe o corpo.

Autor de mais e quarenta narrativas, das quais as mais conhecidas são **Recordações da casa dos mortos** (1862), **Humilhados e ofendidos**, **Crime e castigo** e **O jogador** (1866), **O idiota** (1868), **Os demônios** (1871) e **Os irmãos Karamázov**, interpretou como ninguém o tempo e o império em derrocada em que vivia, não só de uma perspectiva social, mas muito especialmente devassando-lhe a psicologia e as crises morais que atravessava. Analisou o espírito russo, suas debilidades e grandezas, o torvelinho de paixões e impulsos místicos que o tornavam tão facilmente cativo de regimes de força e olhou com ternura para a situação crítica das gentes humildes, às quais atribuiu a potência de, no futuro, redimirem o país, creditando-lhes um capital de fraternidade e pureza de intenções que não encontrava nas elites.

Seus últimos anos, aqueles que viram nascer **Os irmãos Karamázov**

lado a lado com a exacerbação dos movimentos de libertação do regime czarista, foram marcados pela depressão, apesar de sua segunda mulher, Ana Snitkina, ter-lhe sido muito dedicada e carinhosa. Perdera dois dos filhos, o governo o mantinha sob vigilância, sua saúde piorava. Afastou-se dos círculos literários, tornou-se um simpatizante do eslavismo, difícil e amargo, embora sua popularidade estivesse no ápice. Quando morreu, houve luto por toda a nação e tornou-se, nos anos seguintes, um herói lendário para as massas por ter-lhes poetizado os sofrimentos e anseios.

A história que o romance conta é a do parricídio cometido por um dos filhos de Fiodor Karamázov. Apresentam-se os antecedentes, explorando-se as várias motivações dos quatro filhos para o crime e o processo de investigação, com seus resultados de sofrimento e redenção. **Os irmãos Karamázov** se divide em doze livros e um epílogo. São eles, Livro I, A História da Família; Livro II, Uma reunião Desafortunada; Livro III, Os Sensualistas; Livro IV, Lacerações; Livro V, Pró e Contra; Livro VI, O Monge Russo; Livro VII, Alfoscha; Livro VIII, Mítia; Livro IX, A Investigação Preliminar; Livro X, Os Meninos; Livro XI, Ivan; Livro XII, Um Erro Judicial; e Epílogo.

Quem narra a história talvez seja um dos monges do mosteiro do distrito onde Fiodor possuía uma propriedade. Esse narrador faz comentários judiciosos sobre a conduta dos Karamázov, que a comunidade considera excêntrica e muitas vezes incompreensivelmente perversa, mas também se comporta com objetividade, freqüentemente desaparecendo da narração para deixar falar ou representar diretamente o que se passa dentro das personagens ou entre elas. Dessa forma, dando voz e consciência próprias às personagens, Dostoiévski cria um novo gênero de romance, denominado por Mikhail Bakhtin (1981:1), de “polifônico”, ou seja aquele em que “o herói tem competência ideológica e independência, é interpretado como autor de sua concepção filosófica própria e plena e não como objeto da visão artística final do autor”.

Para esse narrador, portanto, defrontando-se com personagens autonomizados, a narração não pode tratá-los como se fossem objetos e sim sujeitos investidos de plenos direitos, atrofiando-se seu poder de organizador e diretor da narrativa. Todavia, ele não se anula: “sente a seu lado e diante de si as consciências equípolentes dos outros, tão infinitas e inconclusas” quanto a sua. Assim como Bakhtin, antes dele Leonid

Grossman (apud Bakhtin, 1981: 9) também percebera que, com Dostoiévski, um novo romance surgia, um romance que não temia o hibridismo dos gêneros e que unificava o que o romance realista e naturalista do Ocidente ainda considerava incompatível. Diz Grossman: “Combinar numa criação artística confissões filosóficas com incidentes criminais, incluir o drama religioso na fábula da estória vulgar, conduzir, através de todas as peripécias da narrativa de aventura, às revelações de um novo mistério - eis as tarefas artísticas que se colocavam diante de Dostoiévski e o chamavam a um complexo trabalho criativo. (...) Sua tarefa é superar a maior dificuldade para o artista: criar de materiais heterogêneos, heterovalentes e profundamente estranhos entre si uma obra de arte una e integral”(apud Bakhtin, 1981:10).

Levando-se em conta que **Os irmãos Karamázov** é o mais profundo dos romances polifônicos de Dostoiévski e aqueles em que os modos de ser e de pensar mais característicos da sociedade russa emergem sob a figura de personagens sublinhadamente autônomas, é difícil entender a narrativa sob o mero enfoque dos entrechoques entre o eslavismo e o ocidentalismo, como fez a crítica marxista, pois muito embora essa dimensão ideológico-política efetivamente exista na obra, esta é muito mais do que isso. Deu ensejo a que Freud publicasse um revelador ensaio chamado **Dostoiévski e o parricídio**, retomando um tema de **Tótem e tabu**, em que vê o parricídio como necessidade da horda primitiva de repartir as mulheres do pai para poder reproduzir-se, tendo, para isso, de aniquilá-lo.

Um olhar que se lance sobre a história em sua cronologia ajuda a perceber a riqueza e densidade dos temas que nela se entrecruzam. Depois de biografar o pai e os filhos, a primeira seqüência mostra Dmitri prometendo a Katherina obter-lhe dinheiro para pagar uma dívida. Todavia, o rapaz se apaixona por Gruschenka, mulher de vida fácil que Fiodor corteja, e gasta parte do dinheiro prometido. Pede, por isso a Ivan, o irmão que estava em Moscou e que lá também se apaixonara por Katia, que o ajude a reclamar do pai a sua parte na herança. Fiodor a nega e os dois entram em desavença. Reúnem-se no mosteiro de Zózimo, o starets (homem santo), para a reconciliação, mas Fiodor põe tudo a perder com suas palhaçadas.

Na segunda seqüência, Dmitri pede a Ivan que obtenha o dinheiro

junto ao pai para cumprir a promessa a Kátia e poder casar-se com Gruschenka. Revela que Smerdiákov lhe dissera ter o pai reservado o dinheiro para a amante se ela o procurasse. Fiodor exhibe os raciocínios de Smerdiákov a Ivan e Alíóscha sobre a inexistência de Deus. Dmitri invade a casa pensando que a nova amada foi entregar-se ao velho e bate no pai. Ivan sai ao jardim com dor de cabeça. Alíóscha fica com o pai e, depois que este se acalma, sai para ver Katia a fim de pedir-lhe que livre Mítia do compromisso. Ivan e Alíóscha, no jardim, falam do direito a decidir quem é digno de viver e do desejo de matar. Alíóscha vai à casa de Kátia e esta lhe diz que soube que o dinheiro não chegou e que Mítia não casará com Gruschenka, pois a moça está ali e lhe confessou que ama outro homem. Gruschenka, porém, humilha Katia contando que vai se divertir com Mítia com a mão que ela acabara de beijar em sinal de gratidão. Na volta, Alíóscha encontra Mítia e conta o encontro e a humilhação. Mítia não percebera que fora um canalha ao contar a Gruschenka que Kátia se oferecera para salvar a casa. Despede-se e foge desesperado.

Na terceira seqüência, Alíóscha volta ao mosteiro e fica sabendo que Zózimo deixou o recado que seu lugar é no mundo e não ali. Recebe carta de Lise se declarando. Ao acordar, sabe de um pretenso milagre do starets e alimenta dúvidas sobre a sua vocação. O monge o libera e ele vai para casa.

Na quarta seqüência, Fiodor, no café da manhã pergunta a Alíóscha se Mítia iria embora por 2.000 rublos, mas desiste da sugestão. Alíóscha o abraça antes de ir-se e o velho parece pressentir que não verá mais o filho. No caminho, Alíóscha encontra colegas brigando com o surdo a pedradas. Procura saber as razões e o garoto o apedreja pelas costas e lhe morde o dedo. Alíóscha visita a mãe de Lise e encontra Katia. Lise volta atrás quando ele lhe diz que se casará com ela. Ivan está ali e o irmão percebe que ele ama Katherina, mas esta lhes declara que não abandonará Mítia. Ivan se despede - está voltando a Moscou - e o irmão tenta dissuadi-lo para que fique com Kátia, pois vê que ela também o ama. Kátia nega e Ivan confessa-lhe seu amor e promete jamais voltar.

Na quinta seqüência, Alíóscha, a pedido de Katia visita o oficial Sniéguirov, ofendido por Mítia, e ali encontra Iliúscha, o menino que o agredira para vingar o pai. A família é pobre, a mãe é louca, uma filha é reumática. O oficial conta que, ao recusar bater-se em duelo com Mítia,

adquiriu fama de covarde. O dinheiro que Alíóscha tenta dar-lhe, dizendo que provém de uma irmã no sofrimento, Katia, é pisoteado. Alíóscha procura Dmitri, mesmo querendo voltar a Zózimo, que está agonizante. Encontra Smerdiákov galanteando uma mulher e pergunta-lhe sobre Mítia, sendo informado que Ivan pediu ao irmão que o encontrasse na taverna. Ali Ivan conquista-lhe a amizade, discutem a existência de Deus e as teorias de Ivan sobre o amor ao próximo. É nesse momento que Ivan expõe sua postura de colecionador e fatos miúdos e atrozes com argumento para provar que, se os pequenos são torturados, Deus não existe e tudo é permitido. Conta-lhe a **Lenda do Grande Inquisidor**, em que defende o uso da força contra a maldição da liberdade a que Deus forçou os homens, justificando o realismo político da Igreja contra seu primitivo idealismo humanista. Alíóscha sai perturbado e volta ao mosteiro.

Na sexta seqüência, Ivan vai para casa e Smerdiákov o censura por não querer ir à propriedade resolver a questão de terras do pai e lhe confia seus temores de que Mítia irá matar o pai. Ivan, além de pressentir que o meio-irmão está querendo dizer-lhe algo, se enfurece com a repetida sugestão de que saia de casa e diz-lhe que de manhã partirá cedo para Moscou. Fiodor pede chá a Smerdiákov. Ivan passa a noite mal e pensa em dar uns bofetões no meio-irmão, mas espia "malignamente" seu pai agitar-se no andar inferior, aguardando que a amante o visite. Acorda cedo e se despede do pai, dizendo que não irá à propriedade. Ao sair, diz Smerdiákov que mudou de idéia e irá lá e este lhe responde que "dá gosto falar com um homem de talento", insinuando que o irmão está preparando um álibi. Todavia, não atende o pai e volta direto a Moscou.

Na sétima seqüência, acontece a inversão do destino das personagens: Fiodor é assassinado. Ivan, de volta de Moscou, visita Smerdiákov, pois suspeita que é o assassino, mas este o convence de que sofreu um ataque de epilepsia naquela noite e não poderia ser o culpado.

Na oitava seqüência, Mítia é acusado do crime e aprisionado. Ivan volta a procurar Katia, para tratar da defesa do irmão junto com a moça e Alex, e se apaixona de novo por ela. Sente a vilania dessa situação e pergunta a Alex se achou que ele desejara a morte do pai depois que haviam conversado quando Mítia agredira o velho. O jovem confirma e Ivan volta a procurar Smerdiákov.

Na nona seqüência, Ivan visita o criado, que insinua ter sido

impulsionado ao crime por ele, em virtude do desejo de matar que nele adivinhara. Ivan se convence de que o meio-irmão está correto, lembrando o quanto ficara perturbado com a ansiedade lasciva do velho na noite antes de partir. Kátia, para demovê-lo da idéia de que foi o inspirador do assassinato, mostra-lhe uma carta de Mítia em que este descreve em detalhe um plano para apossar-se do dinheiro que lhe pertence, mesmo que tenha de matar o pai. Ivan se persuade que Mítia é o culpado, mas ainda sente que deve ter induzido o irmão mais velho ao crime.

Na décima seqüência, Mítia está preso e Ivan lhe propõe que fuja para a América com Gruschenka, mas pede sigilo a fim de que Alex não perceba o motivo de seu empenho em afastá-lo. Começa a ter febres e alucinações. Como Kátia parece ter-se persuadido, após a carta de Mítia, de que o noivo é mesmo o culpado, Ivan vai pela terceira vez procurar Smerdiákov. O bastardo lhe confessa o crime, dá-lhe o dinheiro roubado e zomba dele, pois está mentalmente enfermo e ninguém acreditará nele.

Na décima-primeira seqüência, Ivan decide apresentar-se à justiça, mas na véspera do julgamento de Mítia tem uma alucinação em que é visitado pelo demônio: este lhe argumenta que o mal é necessário para que no mundo haja acontecimentos, que anseia por louvar a Deus, mas que cumpre seu papel de crítico na comédia montada pelo Criador. Ivan não suporta ouvir aquilo que o impele a querer prejudicar Mítia e entrega-se ao delírio. Alex vem anunciar-lhe que Smerdiákov se enforcou.

Na décima-segunda seqüência, Ivan depõe no tribunal tentando manter o seu cinismo e calando o que sabe ser de inútil revelação. Mas essa indignidade é demais para sua posição moral e ele entrega o dinheiro que Smerdiákov lhe confiou, contando a verdade e confessando-se o indutor do parricídio. Kátia, para salvá-lo, apresenta ao tribunal a carta de Mítia como prova, condenando este a trabalhos forçados na Sibéria.

Na décima-terceira seqüência, Ivan adoce gravemente e Kátia resolve cumprir o seu desejo de salvar Mítia. Vai visitar o condenado na prisão para convencê-lo a fugir. Mítia pensa que poderia ir à América e voltar com outro rosto à Rússia. Kátia lhe diz que ficará com o demente Ivan, mas, ao parecer Gruschenka na prisão, hostiliza-a, presa de ciúmes por Mítia.

A décima-quarta seqüência trata do funeral de Iliusha, em que Alíoscha declara aos amigos do mosteiro que seu irmão Mítia não é

culpado do crime e eles louvam o homem que está disposto a enfrentar um cativo horrendo em estado de inocência, para pagar seus pecados de paixão incontrolada, terminando por aclamar os Karamázov.

Pode-se notar que a estrutura da narrativa é emoldurada pelo perfil de Fiodor no início, como velho estúpido, concupiscente e corrupto, que nunca se importou com os filhos e com suas duas esposas, começou do nada e morreu rico. No final, em oposição a essa imagem dos velhos terratenentes, marcada pelo egoísmo desmesurado e pela decomposição moral, delineia-se o retrato da nova geração, uma juventude abençoada pela solidariedade e a terna compreensão dos dramas e fraquezas humanas, que é capaz, como Alex, de dedicar-se à humanidade, seguindo a lição do seu starets e lutando pela redenção dos “humilhados e ofendidos” ou até de, como Mítia, enfrentar um destino de sofrimento para expiar uma culpa de amor e não deixar a pátria.

Essa moldura, que expressa o que Dostoiévski deveria pensar da sociedade russa ao fim do reinado de Alexandre II, com a previsível decadência do patriciado rural e a ascensão promissora de jovens intelectuais combativos, contraria a visão de que, ao final de sua vida, o escritor teria tornado um reacionário desalentado. Por outro lado, o quadro narrativo assim emoldurado apresenta uma visão inversa a essa. Eis quatro irmãos, ligados pelo despreço comum ao pai, que desejam livrar-se dessa presença desabonadora e atingir a independência econômica não pelo trabalho, mas pela herança, o que significaria manter o sistema de transmissão da riqueza do feudalismo dominante na Rússia do século XIX. Afinal, Fiodor tem o dinheiro e as terras que faltam a eles, mesmo que só Mítia as deseje e por um motivo diverso do instinto de posse do velho.

Os irmãos formam um grupo unido em oposição aberta ao pai. Mítia rivaliza com ele por Gruschenka, Ivan o despreza, mas sente certo fascínio pela corrupção moral que ele representa, Smerdiákov detesta o pai-patrão e suas constantes humilhações. Mesmo Alex, o caçula que o velho trata com respeito ante a sua pureza impositiva; sente-se desconfortável ante a lascívia do pai e entende bastante bem o ódio crescente dos demais irmãos, nada fazendo para impedi-los e dessa forma tornando-se seu cúmplice.

Dessa tensão exasperada surge a idéia do parricídio, que se delineia

no fundo da consciência de Ivan por desgosto pelo pai, o que Smerdiákov percebe e usa para enlouquecer justo o meio-irmão mais dotado intelectualmente dos quatro. Mítia, que contempla às claras a possibilidade de matar o pai, por ser um homem de ação e não um intelectual, não é capaz de realizar seu intento. A Smerdiákov, o mais oprimido dos irmãos, resta deixar de lado a indução de Ivan ao crime e praticá-lo por si mesmo, ato que o pretense idiota astuciosamente articula para levar à perdição não só o pai mas igualmente os três irmãos mais bem aquinhoados que ele.

O espírito do mal que ronda a família Karamázov se reparte, pois, sobre cada um deles em proporções e peso diverso. Os mais impulsivos e ingênuos sofrem menos, moralmente, enquanto os mais reflexivos e cultos são lançados ao tormento da consciência, pois não é por outro motivo que o criminoso se suicida. O tema da culpa que busca expiação mesmo às expensas de sua admissão consciente - o qual fora magistralmente desenvolvido em **Crime e castigo** - retorna aqui com força avassaladora. Os irmãos procuram sua própria desgraça, cada um a seu modo, para que a violação da filia, algo insuportável num mundo de servos e senhores, não traga a derrocada do grupo e a perda tanto da própria consciência quanto do solo físico em que esta está radicada.

O romance não é conclusivo quanto ao destino dos irmãos sobreviventes: não se sabe se Ivan irá se recuperar, se Mítia fugirá ou se deixará morrer na Sibéria com a consciência pesada, ou se Alíóscha cumprirá o programa de profeta da igualdade social que se impôs. Também os amores dos três irmãos, conflituados por um vínculo de comunidade no desejo vertido sempre sobre a mulher errada, ficam irrealizados, enovelados no paroxismo do sentir.

Romance de idéias, tanto quanto de aventura e amor, sua armadura policial unifica questões filosóficas, amorosas, históricas e ideológicas num enredo propício à concentração das atenções mais diversificadas do grande público, enquanto seu mergulho nas profundezas de espíritos tão gigantesco quanto ordinários satisfaz aos gostos das camadas mais cultas pelo escafandrismo moral e pela notação verossímil da realidade psicológica e social.

Acima de tudo isso, paira o duelo entre o Bem e o Mal, não na tradicional dicotomia, mas num campo unificado em que nada pode ser

delimitado com precisão. Fiodor, na sua grosseira violência e estupidez, tem por vezes momentos de terna expectativa quanto a ser amado pelos filhos. Alex, criatura tocada pela graça divina, não é isenta das taras dos Karamázov. Smerdiákov, o bajulador irresponsável, é capaz de realizar a sua profunda nulidade a ponto de se anular fisicamente pelo suicídio. Entre esses dois extremos, Mítia se opõe a Ivan, pela paixão irrepresável e pelo entusiasmo pela ação, enquanto o irmão se debate no tormento puramente intelectual de uma consciência hipersensível, de um sonhador que gostaria de reformar o mundo mas sabe que isso não passa de um sonho delirante e renuncia à razão, perdendo-se como que voluntariamente nas trevas da loucura. Duas forças, pois, se digladiam no romance: a fé na bondade escondida no íntimo do homem e que se revela sob a forma cristã da solidariedade inesgotável, e a constatação da miséria humana que afunda a humanidade no abismo da autodestruição. Nenhuma, porém, é vitoriosa ou existe em estado puro.

Mítia diz a certa altura que “o coração dos homens não é senão um campo de batalha onde lutam Deus e o diabo”, mas Ivan lhe retruca, do âmbito de seu delírio, que, se Deus parece ter-se ausentado da batalha e deixado aos homens a luta contra o diabo, talvez os tenha perdido, porque sanciona qualquer liberdade, mesmo a de matá-lo. Não é sem razão que, nesse mesmo fim de século, Nietzsche daria o atestado de óbito ao Deus cristão, pondo em seu lugar a consciência fria do Super-Homem. Na comovente tentativa de Ivan de negar-se a creditar em suas próprias teses, reforçada pela ação prática de Alex de sair da povoação feudal e ir ao mundo para anunciar uma nova era de fraternidade, está a contestação da filosofia niilista. O romance polifônico de Dostoiévski encerra-se não com um diagnóstico sombrio dos tempos que se esperam, mas com atos de extremada generosidade, a provar que a batalha dos homens contra o demônio é vencível, mesmo que eles não mais consigam discernir a presença de Deus entre eles.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.
- DOSTOIÉVSKI, Fiodor M. Los hermanos Karamásovi. In : \_\_\_\_\_  
**Obras completas**. Madrid: Aguilar, 1968, t.3.
- HINSLEY, F.H. (Ed.). **The new Cambridge modern history**. Cambridge: Cambridge University, 1962. v.11.
- LUKACS, Georg. **Ensayos sobre el realismo**. Buenos Aires: Siglo Veinte, 1965.